Para os oito mil judeus italianos que não puderam ser salvos.
Para os milhões escravizados pela máquina de guerra nazi e para aqueles, incontáveis, que não chegaram a casa.
E para Robert Dehlendorf, o primeiro a ouvir esta história, e que me salvou.

O amor conquista todas as coisas.
Virgílio

Prefácio

No início de fevereiro de 2006, eu tinha quarenta e sete anos e encontrava-me no ponto mais baixo da minha vida.

O meu irmão mais novo, que era também o meu melhor amigo, tinha bebido até à morte no verão anterior. Eu escrevera um romance do qual ninguém gostava, estava envolvido numa disputa comercial e encontrava-me à beira da falência pessoal.

Sozinho ao volante numa autoestrada do Montana ao anoitecer, comecei a pensar nas minhas apólices de seguro e percebi que tinha muito mais valor para a minha família se estivesse morto. Ponderei a hipótese de sair da estrada e ir contra um muro. Estava a nevar e a luz era pouca. Ninguém suspeitaria de suicídio.

Mas então, na minha mente, vi a minha mulher e os meus filhos na neve que rodopiava à minha volta e mudei de ideias. Quando encostei à berma, estava a tremer descontroladamente. À beira de um esgotamento, baixei a cabeça e pedi ajuda a Deus e ao Universo. Rezei por uma história, algo que me transcendesse, um projeto no qual eu me pudesse perder.

Por mais incrível que pareça, naquela mesma noite, num jantar em Bozeman, Montana, ouvi os pedaços de uma história extraordinária da Segunda Guerra Mundial, inédita, com um rapaz italiano de dezassete anos de idade como herói.

A minha primeira reação foi que a história da vida de Pino Lella nos últimos vinte e três meses da guerra não podia ser verdadeira. Já teríamos ouvido falar dela. Mas, então, fiquei a saber que Pino ainda estava vivo seis décadas depois e de regresso a Itália após quase trinta anos em Beverly Hills e Mammoth Lakes, Califórnia.

Telefonei-lhe. A princípio, o Sr. Lella estava muito relutante em falar comigo. Disse que não era um herói, talvez mais um cobarde, o que apenas me deixou ainda mais intrigado. Finalmente, após vários telefonemas, aceitou receber-me, se eu fosse a Itália.

Apanhei um avião e passei três semanas com ele numa antiga *villa* na cidade de Lesa, junto ao lago Maggiore, a norte de Milão. Na altura, Pino tinha setenta e nove anos, mas era corpulento, forte, bem-parecido, encantador, engraçado e muitas vezes evasivo. Escutei-o horas a fio enquanto ele evocava o passado.

Algumas das suas recordações eram tão vívidas, que praticamente se materializaram à minha frente. Outras eram mais vagas e tiveram de ser esclarecidas com recurso a repetidas perguntas. Ele evitava nitidamente certos acontecimentos e personagens; outros, parecia ter medo de os referir. Quando o pressionei a falar sobre aqueles tempos dolorosos, contou-me tragédias que nos deixaram a ambos feitos em lágrimas.

Durante aquela primeira viagem, conversei também com historiadores do Holocausto em Milão e entrevistei sacerdotes católicos e membros da resistência. Visitei cada cenário com Pino. Esquiei e escalei os Alpes para melhor entender os percursos de fuga. Amparei-o quando a dor lhe levou a melhor no Piazzale Loreto, e vi a agonia da sua perda percorrê-lo nas ruas em redor do Castello Sforzesco. Mostrou-me onde tinha visto Benito Mussolini pela última vez. Na grande catedral de Milão, o Duomo, vi-lhe a mão trémula ao acender uma vela pelos mortos e pelos martirizados.

Ouvi um homem passar em retrospetiva dois anos da sua vida extraordinária — adulto aos dezassete anos, velho aos dezoito —, os altos e baixos, as provações e os triunfos, o amor e o desgosto. Os meus problemas pessoais e a minha vida em geral pareciam pequenos e insignificantes em comparação com o que ele suportara com aquela idade. E a forma como ele encarava as tragédias da vida deu-me uma nova perspetiva. Comecei a curar as minhas feridas, e tornámo-nos grandes amigos. Quando voltei para casa, sentia-me melhor do que há anos.

Aquela viagem deu origem a outras quatro ao longo da década seguinte, permitindo-me investigar o relato de Pino enquanto escrevia outros livros. Consultei funcionários no Yad Vashem, o principal centro dedicado ao Holocausto em Israel, e historiadores em Itália, na Alemanha e nos Estados Unidos. Passei semanas nos arquivos de guerra destes três países e do Reino Unido.

Entrevistei as testemunhas sobreviventes — pelo menos aquelas que consegui encontrar — para corroborar diversos acontecimentos na história de Pino, bem como os descendentes e amigos daqueles que haviam morrido há muito, incluindo Ingrid Bruck, filha do misterioso general nazi que tanto complica esta história.

Sempre que possível, cingi-me aos factos recolhidos nesses arquivos, entrevistas e testemunhos. Mas depressa percebi que, em virtude da quantidade de documentos nazis queimados à medida que a Segunda Guerra Mundial se aproximava do fim, o rasto que poderia envolver o passado de Pino estaria, na melhor das hipóteses, muito espalhado.

Uma espécie de amnésia coletiva reinante após a guerra em relação a Itália e aos italianos também me dificultou muito o trabalho. Escreveram-se imensos livros sobre o Dia D, as campanhas dos aliados na Europa Ocidental e os esforços dessas almas corajosas que arriscaram a vida para salvar judeus noutros países europeus. Mas a ocupação nazi de Itália e a linha férrea subterrânea católica, criada para salvar os judeus italianos, receberam pouca atenção. Cerca de 60 mil soldados aliados morreram a lutar pela libertação de Itália. Cerca de 140 mil italianos morreram durante a ocupação nazi. Todavia, foi tão pouco o que se escreveu sobre a batalha por Itália, que os historiadores começaram a chamar-lhe «Frente Esquecida».

Grande parte da amnésia foi promovida pelos italianos que sobreviveram. Como um antigo resistente me disse: «Ainda éramos novos e queríamos esquecer. Queríamos deixar para trás as coisas terríveis que tínhamos vivido. Ninguém fala sobre a Segunda Guerra Mundial em Itália, pelo que ninguém a recorda».

Em virtude dos documentos queimados, da amnésia coletiva e da morte de tantas personagens quando finalmente fiquei a saber desta história, vi-me forçado a construir cenas e diálogos em alguns lugares recorrendo às recordações de Pino, décadas mais tarde, às escassas provas físicas que restam, e à minha imaginação — alimentada pela minha pesquisa e suposições. Em certos casos, também juntei e condensei acontecimentos e personagens por uma questão de coerência narrativa, e dramatizei por completo incidentes que me foram descritos de forma muito mais abreviada.

Como resultado, a história que está prestes a ler não é uma obra de ficção narrativa, mas um romance de ficção biográfica e histórica que se aproxima do que aconteceu a Pino Lella entre junho de 1943 e maio de 1945.

PRIMEIRA PARTE

Nessun Dorma

Capítulo 1

9 de junho, 1943
Milão, Itália

Como todos os faraós, imperadores e tiranos que o haviam antecedido, *Il Duce* viu o seu império erguer-se apenas para depois se desmoronar. Com efeito, naquela tarde de fim de primavera, o poder escapava por entre os dedos de Benito Mussolini como a alegria de um jovem coração viúvo.

Os exércitos acossados do ditador fascista tinham-se retirado do Norte de África. As forças aliadas encontravam-se ao largo da Sicília. E, todos os dias, Adolf Hitler enviava mais tropas e equipamento para sul com o intuito de defender Itália.

Pino Lella sabia tudo isto graças às notícias da BBC que ouvia todas as noites no seu rádio de ondas curtas. Tinha visto com os seus próprios olhos o crescente número de nazis aonde quer que fosse. Mas, ao caminhar pelas ruas medievais de Milão, ignorava abençoadamente a força do conflito que se deslocava na sua direção. A Segunda Guerra Mundial era um noticiário, nada mais, ouvido e esquecido no momento seguinte — substituído por pensamentos sobre os seus três temas favoritos: raparigas, música e comida.

Ele tinha apenas dezassete anos de idade, 1,85 metros de altura, setenta e cinco quilos, era magro e desengonçado, com mãos e pés grandes, cabelos que desafiavam qualquer pente, acne e uma falta de jeito suficientes para que nenhuma das raparigas que convidara para o cinema quisesse acompanhá-lo. Todavia, como era da sua natureza, Pino continuava inabalável.

Confiante, avançou com os seus amigos para a praça em frente ao Duomo, a Basílica de Santa Maria Nascente, a grande catedral gótica situada no centro de Milão.

— Hoje vou conhecer uma bela rapariga — disse Pino, agitando o dedo na direção do céu vermelho e ameaçador. — E vamos apaixonar-nos

louca e tragicamente e partir em grandes aventuras com música, comida e vinho e intrigas o dia inteiro, todos os dias.

— Vives num mundo de fantasia — comentou Carletto Beltramini, o seu melhor amigo.

— Não vivo, não — retorquiu Pino, superior.

— Vives, pois — interveio o irmão dele, Mimo, dois anos mais novo. — Apaixonas-te por todas as raparigas bonitas que vês.

— Mas nenhuma delas lhe retribui — disse Carletto. Senhor de uma cara de lua cheia, mas magro, era muito mais baixo do que Pino.

Mimo, que era ainda mais baixo, confirmou:

— É verdade.

— Está visto que vocês não são românticos — contrapôs Pino, ainda superior.

— O que é que aqueles estão a fazer ali? — perguntou Carletto, apontando para uns quantos homens a trabalhar junto ao Duomo.

Alguns estavam a colocar placas de madeira nos vãos onde as janelas de vitral da catedral normalmente se encontravam. Outros transferiam sacos de areia de camiões para um muro cada vez mais alto em redor da base da catedral. Outros ainda montavam holofotes sob o olhar atento de um grupo de padres que os observava perto da porta dupla central.

— Vou ver se descubro — disse Pino.

— Antes de mim, não vais — retorquiu o irmão mais novo, arrancando direito aos trabalhadores.

— Com o Mimo, tudo é uma competição — disse Carletto. — Ele tem de aprender a ter mais calma.

Pino riu-se e comentou por cima do ombro:

— Se descobrires como é que isso se faz, diz à minha mãe.

Contornando os trabalhadores, Pino foi direito aos padres e bateu no ombro de um deles.

— Peço desculpa, senhor padre.

O sacerdote, a meio da casa dos vinte, era tão alto como ele, mas mais entroncado. Virou-se, mirou o adolescente desde os pés até à cabeça — reparando nos sapatos novos, nas calças de linho cinzento, na camisa branca lavada e num lenço verde que a mãe lhe tinha dado pelo aniversário — e depois olhou-o fixamente nos olhos como se fosse capaz de lhe ler os pensamentos pecaminosos da juventude.

— Estou no seminário. Ainda não fui ordenado. Não tenho o colarinho.

— Oh, peço desculpa — disse Pino, intimidado. — Só queríamos saber porque é que estão a montar os holofotes.

Antes que o jovem seminarista pudesse responder, surgiu uma mão nodosa junto ao cotovelo direito dele. O seminarista afastou-se para revelar um sacerdote baixo e magro entre os cinquenta e os sessenta anos, vestido de branco e com um solidéu vermelho. Pino reconheceu-o de imediato e sentiu um nó no estômago; rapidamente, fletiu um joelho diante do cardeal de Milão.

— Senhor cardeal — disse ele de cabeça baixa.

— Deves chamar-lhe Vossa Eminência — observou o seminarista, num tom severo.

Pino levantou a cabeça, confuso.

— A minha ama inglesa ensinou-me a dizer «senhor cardeal» se algum dia encontrasse um.

A cara do homem mais novo parecia ter-se transformado em pedra, mas Alfredo Ildefonso Schuster riu-se baixinho e disse:

— Penso que ele tem razão, Barbareschi. Em Inglaterra, chamar-me-iam «senhor cardeal».

O cardeal Schuster era famoso e poderoso em Milão. Na qualidade de líder católico do Norte de Itália, e sendo alguém que contava com a confiança do papa Pio XII, o cardeal aparecia frequentemente nos jornais. Pino pensou que a expressão dele era a sua característica mais marcante: o rosto sorridente revelava bondade, mas os olhos encerravam a ameaça da danação eterna.

Nitidamente irritado, o seminarista disse:

— Estamos em Milão, Eminência, não em Londres.

— Não tem importância — referiu Schuster. Poisou a mão no ombro de Pino e disse-lhe que se levantasse. — Como te chamas, rapaz?

— Pino Lella.

— Pino?

— A minha mãe costumava chamar-me Giuseppino — explicou ele enquanto se levantava. — A parte do «Pino» ficou.

O cardinal Schuster olhou para o «Zezinho» e riu-se.

— Pino Lella. É um nome que não se esquece.

Desconcertado, Pino ficou a pensar por que motivo alguém como o cardeal diria uma coisa daquelas.

Quando se fez silêncio, deixou escapar:

— Já nos tínhamos conhecido, senhor cardeal.

— Onde é que foi isso? — perguntou-lhe Schuster, surpreendido.

— Na Casa Alpina, no campo de férias do padre Re, acima de Madesimo. Há uns anos.

O cardeal Schuster sorriu.

— Lembro-me dessa visita. Eu disse ao padre Re que ele era o único sacerdote em Itália com uma catedral mais imponente do que o Duomo e do que São Pedro. Aqui o jovem Barbareschi vai trabalhar com o padre Re na semana que vem.

— Vai gostar dele e da Casa Alpina — disse Pino. — Fazem-se escaladas fantásticas.

Barbareschi conseguiu sorrir.

Pino baixou a cabeça e começou a afastar-se, o que pareceu divertir o cardeal Schuster ainda mais e o levou a perguntar-lhe:

— Julgava que estavas interessado nas luzes.

Pino parou.

— Sim…?

— São uma ideia minha — disse Schuster. — O *blackout* começa hoje à noite. Apenas o Duomo fica iluminado a partir de agora. Rezo para que os pilotos dos bombardeiros o vejam e fiquem tão impressionados com a sua beleza, que decidam poupá-lo. Esta magnífica igreja demorou quase quinhentos anos a construir. Seria uma tragédia vê-la desaparecer de um dia para o outro.

Pino olhou para a fachada elaborada da enorme catedral. Construída com mármore rosado de Candoglia, com dezenas de coruchéus, varandas e pináculos, o Duomo parecia tão gelado, grandioso e ilusório como os Alpes no inverno. Ele gostava quase tanto de esquiar e de fazer escalada nas montanhas como de música e de raparigas, e ver aquela igreja fazia-o sempre pensar nas terras altas.

Mas agora o cardeal acreditava que a catedral e Milão estavam em perigo. Pela primeira vez, a possibilidade de um ataque aéreo parecia real para Pino.

— Então, vamos ser bombardeados? — perguntou.

— Rezo para que tal não aconteça — respondeu o cardeal —, mas um homem prudente prepara-se sempre para o pior. Adeus, e que a tua fé em Deus te proteja nestes dias que se avizinham, Pino.

O cardeal de Milão afastou-se, deixando Pino impressionado ao regressar para junto de Carletto e Mimo, que pareciam ambos tão estupefactos como ele.

— Aquele era o cardeal Schuster — afirmou Carletto.

— Eu sei — disse Pino.

— Estiveste a falar com ele durante muito tempo.

— Estive?

— Sim — disse-lhe o irmão mais novo. — O que é que ele te disse?

— Que não se havia de esquecer do meu nome e que as luzes são para impedir que os bombardeiros rebentem com a catedral.

— Estás a ver? — perguntou Mimo a Carletto. — Eu disse-te.

Carletto olhou para Pino com um ar desconfiado.

— Porque é que o cardeal não se havia de esquecer do *teu* nome?

— Talvez lhe tenha soado bem. *Pino Lella*.

Mimo riu-se:

— Vives *mesmo* no mundo da fantasia.

Ouviram trovões quando já estavam a sair da Piazza Duomo; atravessaram a rua e passaram sob o grande arco que dava acesso à Galleria, o primeiro centro comercial coberto do mundo — duas ruas largas e cruzadas, cheias de lojas e cobertas quase na totalidade por uma abóbada de ferro e vidro. Quando os três rapazes ali entraram naquele dia, as placas de vidro já tinham sido retiradas, deixando apenas a superestrutura, que projetava uma quadrícula de sombras retangulares.

Com a aproximação da trovoada, Pino podia ver a preocupação em muitos dos rostos nas ruas da Galleria, mas não partilhava aquela preocupação. Trovões eram trovões, não bombas a explodir.

— Flores? — perguntou uma mulher junto a um carro com rosas acabadas de colher. — Para a sua namorada?

— Quando a encontrar, volto cá — disse-lhe Pino.

— Talvez tenha de esperar muitos anos, *signora* — rematou Mimo.

Pino tentou assentar-lhe um soco. Mimo esquivou-se e fugiu, trocando a Galleria por uma praça onde se via uma estátua de Leonardo da Vinci. Para lá da estátua, do outro lado da rua e das linhas do elétrico, as portas do Teatro alla Scala tinham sido abertas para arejar aquela famosa sala de ópera. Cordas de violinos e violoncelos estavam a ser afinadas e as escalas ensaiadas por um tenor ouviam-se no ar.

Pino continuou a correr, mas reparou numa rapariga bonita — cabelo preto, pele cor de leite e olhos escuros e cintilantes. Estava a atravessar a

praça, em direção à Galleria. Ele parou e ficou a olhar para ela. Fascinado, não dizia uma palavra.

Depois de ela passar, acabou por soltar:

— Acho que estou a apaixonar-me.

— Para variar — comentou Carletto, que entretanto se tinha aproximado.

Mimo voltou para trás e disse-lhes:

— Ouvi alguém dizer agora mesmo que os aliados já hão de estar aqui pelo Natal.

— Quero que os americanos entrem em Milão mais cedo do que isso — disse Carletto.

— Também eu — concordou Pino. — Mais *jazz*! Menos ópera!

Largando a correr, saltou por cima de um banco vazio e ficou em equilíbrio num gradeamento de metal curvado que protegia a estátua de Da Vinci. Deixou-se deslizar pela superfície lisa, num breve percurso, antes de saltar do outro lado e aterrar como um gato.

Para não lhe ficar atrás, Mimo tentou o mesmo truque, mas estatelou-se no chão à frente de uma mulher corpulenta de cabelos escuros e vestido estampado às flores. Parecia ter à volta de quarenta anos. Levava com ela um estojo de violino e tinha um grande chapéu de palha azul para se proteger do sol.

A mulher ficou tão assustada, que quase deixou cair o estojo do violino. Agarrou-o contra o peito, zangada, enquanto Mimo gemia e se agarrava às costelas.

— Isto é a Piazza Della Scala! — repreendeu-o ela. — Em honra do grande Leonardo! Não tens nenhum respeito? Vai fazer essas brincadeiras infantis para outro lugar.

— Acha que somos crianças, é? — perguntou-lhe Mimo, de peito inchado. — Rapazinhos?

A mulher olhou em redor e disse:

— Rapazinhos que não fazem ideia dos jogos sérios que têm lugar à sua volta.

Nuvens escuras tinham começado a aproximar-se, escurecendo o ambiente. Pino virou-se e viu um grande Daimler-Benz preto na rua que separava a praça da ópera. Bandeiras vermelhas nazis eram visíveis em ambos os para-choques. Uma bandeira de general adejava na antena do

rádio. Pino viu a silhueta do oficial, sentado muito direito no banco de trás. Por alguma razão, aquela imagem deixou-o arrepiado.

Quando se virou de novo, a violinista já se estava a afastar, desafiadora, de cabeça levantada ao atravessar a rua atrás do carro nazi antes de entrar na ópera.

Enquanto os rapazes retomavam o seu caminho, Mimo seguia a coxear e esfregava a anca direita, sempre a protestar. Mas Pino mal o ouvia. Uma mulher loira arruivada com olhos azuis-ardósia descia o passeio direita a eles. Calculou que ela devia ter pouco mais de vinte anos. Era muito bonita, com um nariz pequeno, maçãs do rosto salientes e lábios que se curvavam naturalmente num sorriso encantador. Esguia e de altura média, usava um vestido de verão amarelo e carregava um saco de compras de lona. Abandonou o passeio e entrou numa padaria mais à frente.

— Apaixonei-me outra vez — comentou Pino, de mãos cruzadas sobre o coração. — Vocês viram-na?

Carletto riu-se.

— Tu nunca desistes?

— Nunca — respondeu-lhe Pino, já diante da montra da padaria e a espreitar lá para dentro.

A mulher estava a guardar vários pães no seu saco. Ele reparou que não tinha nenhum anel na mão esquerda, pelo que ficou à espera que ela pagasse e saísse.

Assim que ela o fez, Pino atravessou-se-lhe à frente, poisou uma mão no coração e disse:

— As minhas desculpas, *signorina.* Fiquei deslumbrado com a sua beleza e tinha de a conhecer.

— Vejam só — disse ela, trocista, dando-lhe a volta e seguindo em frente.

Quando ela passou, Pino sentiu-lhe o cheiro a mulher e a jasmim. Era inebriante, como nada que ele já tivesse cheirado.

Correu atrás dela e disse:

— É verdade. Vejo muitas mulheres bonitas, *signorina*. Vivo no bairro da moda, San Babila. Muitas modelos.

Ela olhou-o de través.

— San Babila é um bairro muito bom.

— Os meus pais são donos da Le Borsette di Lella, a loja de malas de mão. Conhece?

— Ora… a minha patroa comprou lá uma mala ainda na semana passada.

— Ah, sim? — perguntou Pino, encantado. — Está a ver, sou de uma boa família. Gostava de ir ao cinema comigo esta noite? Estão a passar *Ao Compasso do Amor*. Fred Astaire. Rita Hayworth. A dançar. A cantar. Tão elegantes. Como a *signorina*.

Ela acabou por se voltar, para o mirar com aqueles olhos penetrantes.

— Que idade é que tu tens?

— Quase dezoito.

Ela riu-se.

— És um pouco novo para mim.

— É só um filme. Vamos como amigos. Não sou demasiado novo para isso, pois não?

Ela não respondeu, continuando a andar.

— Sim? Não? — insistiu Pino.

— Esta noite há um *blackout*.

— Ainda é de dia quando o filme começar, e depois levo-a a casa em segurança — garantiu-lhe Pino. — À noite, vejo como um gato.

Ela deu vários passos ainda sem dizer nada e o rapaz desanimou.

— Onde é que passa o filme? — perguntou ela então.

Pino deu-lhe o endereço e acrescentou:

— Encontro-a lá, sim? Sete e meia à frente da bilheteira?

— Tu até tens piada, e a vida é curta. Porque não?

Pino sorriu, levou a mão ao peito e disse:

— Até logo.

— Até logo — repetiu ela. Sorriu e atravessou a rua.

Pino ficou a vê-la, a sentir-se triunfante e sem fôlego, até que se lembrou de qualquer coisa ao vê-la parar para esperar pelo elétrico, a olhar para ele com uma expressão divertida.

— *Signorina*, peço desculpa — gritou-lhe ele —, mas como é que se chama?

— Anna — respondeu ela.

— Eu sou o Pino! Pino Lella!

O elétrico parou, abafando-lhe o apelido e escondendo-a. Quando voltou a arrancar, Anna tinha desaparecido.

— Ela não vai — afirmou Mimo, que estivera sempre alguns passos atrás. — Só disse aquilo para tu deixares de a seguir.

— É claro que vai — disse Pino, antes de olhar para Carletto, que também tinha ido atrás deles. — Via-se nos olhos dela, nos olhos da Anna, não via?

Antes que o irmão e o amigo pudessem responder, surgiu um relâmpago e as primeiras gotas começaram a cair, cada vez maiores. Começaram todos a correr.

— Vou para casa! — gritou Carletto, e virou para outra rua.

Capítulo 2

Os céus abriram-se e o dilúvio começou. Pino ia atrás de Mimo, a correr para o bairro da moda, cada vez mais encharcado, mas sem se preocupar com isso. Anna ia ao cinema com ele. Ela tinha dito que sim. Ele estava quase delirante.

Os irmãos estavam ensopados e os relâmpagos não paravam, quando finalmente se meteram na Valigeria Albanese, a loja e fábrica do tio situada num prédio cor de ferrugem no n.º 7 da Via Pietro Verri.

A pingar, os rapazes entraram na loja longa e estreita, que os envolveu com o seu aroma intenso de couro novo. As prateleiras estavam cheias de pastas, malas e sacos de mão, malas de viagem e baús. Os expositores de vidro apresentavam carteiras de couro e cigarreiras e pastas magnificamente trabalhadas. Havia dois clientes na loja, uma mulher mais velha perto da porta e, mais longe, no outro extremo, um oficial nazi com um uniforme preto e cinzento.

Pino estava a olhar para ele quando ouviu a mulher perguntar:

— Qual delas, Alberto?

— Siga o seu coração — respondeu o homem que estava a atendê-la atrás do balcão. Grande, entroncado e com bigode, usava um bonito fato cinzento, camisa branca engomada e um vistoso laço amarelo às bolinhas azuis.

— Mas eu gosto das duas — queixou-se a cliente.

Soltando uma risadinha enquanto cofiava o bigode, ele disse:

— Nesse caso, compre as duas!

— Bem, talvez faça isso mesmo! — disse ela a rir, ainda hesitante.

— Excelente! Excelente! — rejubilou ele, a esfregar as mãos. — Greta, podes trazer-me caixas para esta magnífica senhora que tem um gosto impecável?

— Agora estou ocupada, Alberto — respondeu Greta, a tia austríaca de Pino, que estava a atender o nazi. Era alta e magra, com cabelo castanho e curto, e um sorriso generoso. O alemão estava a fumar enquanto examinava uma cigarreira forrada a cabedal.

— Eu vou buscar-lhe as caixas, tio — disse Pino.

O tio olhou para ele.

— Vê se te enxugas antes de lhes tocares.

A pensar em Anna, Pino dirigiu-se para a porta da fábrica, atrás da sua tia e do alemão. O oficial girou sobre si mesmo para o ver passar, revelando folhas de carvalho nas lapelas que o identificavam como um coronel. A frente plana do seu quépi de oficial ostentava uma *Totenkopf*, um pequeno emblema constituído por uma caveira e ossos cruzados sob uma águia que segurava uma suástica nas garras. Pino sabia que ele era da Geheime Staatspolizei, a Gestapo, um oficial de alta patente na polícia secreta de Hitler. De altura e porte médios, nariz estreito e lábios inexpressivos, o nazi tinha olhos escuros que não revelavam nada.

Sentindo-se enervado, Pino meteu-se pela porta e entrou na fábrica, um espaço muito maior e com o teto mais alto. Costureiras e cortadores estavam a guardar o trabalho para se irem embora. Ele encontrou alguns trapos e secou as mãos. Então, pegou em duas caixas de papelão com o logótipo Albanese gravado e preparou-se para voltar à loja, com os seus pensamentos a regressarem alegremente a Anna.

Ela era linda e mais velha, e…

Hesitou antes de atravessar a porta. O coronel da Gestapo estava de saída, apesar da chuva. A tia de Pino encontrava-se à porta, atenta ao coronel e a abanar a cabeça.

Pino sentiu-se melhor assim que ela fechou a porta.

Ajudou o tio a arrumar as duas malas de mão. Quando a cliente finalmente saiu, o tio disse a Mimo que trancasse a porta da rua e colocasse o letreiro «Fechado» na montra.

Assim que o rapaz fez o que lhe fora pedido, o tio perguntou:

— Ficaste com o nome dele?

— *Standartenführer* Walter Rauff — respondeu a tia Greta. — O novo responsável pela Gestapo no Norte de Itália. Veio da Tunísia. O Tullio está de olho nele.

— O Tullio está de volta? — quis saber Pino, surpreendido e contente. Tullio Galimberti era cinco anos mais velho, o seu ídolo e um grande amigo da família.

— Chegou ontem — respondeu o tio Alberto.

— Este Rauff disse que a Gestapo vai ocupar o Hotel Regina — disse a tia, por sua vez.

— A Itália pertence a quem: Mussolini ou Hitler? — protestou o tio.

— Não tem importância — disse Pino, fazendo por se convencer. — A guerra acaba não tarda nada e os americanos chegam e há de haver *jazz* por todo o lado!

O tio abanou a cabeça.

— Isso depende dos alemães e do *Duce*.

— Já viste que horas são, Pino? — perguntou a tia. — A tua mãe estava a contar com vocês há duas horas para a ajudarem a preparar a festa.

Pino ficou aflito. A mãe não gostava de ser contrariada.

— Vemo-nos mais tarde? — perguntou ele, já a caminho da porta, com Mimo atrás.

— Não perdia essa festa nem por nada — respondeu o tio Alberto.

Quando os rapazes chegaram ao n.º 3 da Via Monte Napoleone, Le Borsette di Lella, a loja de malas dos seus pais, estava fechada. Ao pensar na mãe, Pino ficou receoso. Esperava que o pai estivesse por perto para dominar aquele furacão humano. Quando começaram a subir a escada, foram recebidos pelo aroma de vários cozinhados: cordeiro com alho a estufar, manjericão acabado de cortar e pão quente saído do forno.

Abriram a porta do opulento apartamento da família, que fervilhava de atividade. A empregada regular e uma contratada estavam atarefadas na sala de jantar, a preparar os cristais, os talheres e as porcelanas para o bufete. Na sala de estar, um homem alto, magro e de ombros descaídos estava de costas para a entrada, de violino em punho a tocar uma peça que Pino não reconheceu. Falhou uma nota e parou, abanando a cabeça.

— Papá? — chamou Pino em voz baixa. — Estamos em apuros?

Michele Lella baixou o violino e voltou-se, a mastigar o interior da bochecha. Antes que ele pudesse responder, uma menina de seis anos saiu disparada do corredor da cozinha. A irmãzinha de Pino, Cicci, postou-se diante dele e perguntou:

— Onde é que andaste, Pino? A mamã não está nada satisfeita contigo. Nem contigo, Mimo.

Pino ignorou-a, concentrando-se antes na locomotiva de avental que estava a sair da cozinha. Podia jurar que estava a ver o vapor a sair pelas orelhas da mãe. Porzia Lella era pelo menos trinta centímetros mais baixa do que o filho mais velho, e pelo menos vinte quilos mais leve. Mas foi direita a Pino, tirou os óculos do nariz e começou a agitar a mão ainda com eles em punho.

— Pedi-te que estivesses em casa às quatro e já são cinco e um quarto — disse ela. — Portas-te como uma criança. Posso contar mais com a tua irmã.

Cicci empinou o nariz e assentiu.

Por um momento, Pino ficou sem saber o que dizer. Acabou, porém, por optar por uma expressão desolada e agarrou-se à barriga.

— Peço desculpa, mamã — disse ele. — Comi qualquer coisa na rua, mas não me caiu bem. E depois fomos apanhados pela trovoada e tivemos de esperar na loja do tio Alberto.

Porzia cruzou os braços e olhou para ele. Cicci adotou a mesma postura cética.

Então, a mãe olhou para Mimo:

— Isto é verdade, Domenico?

Pino olhou aflito para o irmão.

— Eu disse-lhe que a salsicha não tinha bom aspeto — respondeu, ao mesmo tempo que confirmava com a cabeça —, mas ele não me deu ouvidos. O Pino teve de parar em três cafés para ir à casa de banho. E estava um coronel da Gestapo na loja do tio Alberto que disse que os nazis vão ocupar o Hotel Regina.

A mãe ficou pálida.

— O quê?! — Pino fez uma careta e curvou-se ainda mais.

— Tenho de ir, e já!

Cicci ainda parecia desconfiada, mas a zanga da mãe transformara-se em preocupação.

— Vai. Mexe-te! E lava as mãos depois.

Pino não precisou de mais incentivos e desapareceu.

Ainda na sala, Porzia perguntou:

— Aonde pensas que vais, Mimo? Não estás doente.

— Mamã — queixou-se o rapaz —, o Pino safa-se sempre.

Pino não ficou à espera para ouvir a resposta da mãe. Passou a correr pela cozinha, e por aqueles aromas fabulosos, e subiu a escada que levava ao segundo andar do apartamento e à casa de banho. Deixou-se lá ficar

durante uns convincentes dez minutos, que passou a pensar em cada momento que estivera com Anna, especialmente na forma como ela o olhara, divertida, do outro lado da linha do elétrico. Descarregou o autoclismo, acendeu um fósforo para disfarçar a ausência de mau cheiro e foi deitar-se na cama, com o rádio de ondas curtas sintonizado na BBC e num programa de *jazz* que ele raramente perdia.

A banda de Duke Ellington estava a tocar «Cotton Tail», um dos seus recentes temas favoritos, e ele fechou os olhos para admirar o solo de saxofone tenor de Ben Webster. Pino adorava *jazz* desde a primeira vez que ouvira uma gravação de Billie Holiday e Lester Young em «I Can't Get Started». Ainda que fosse uma heresia dizer tal coisa em casa dos Lella — onde a ópera e a música clássica eram senhoras supremas —, a partir de então, Pino passara a acreditar que o *jazz* era a maior forma de arte musical. Como tal, queria ir aos Estados Unidos, onde o *jazz* tinha nascido. Era o seu maior sonho.

Perguntava-se como seria a vida na América. A língua não era um problema. Ele tinha crescido com duas amas, uma de Londres e a outra de Paris. Falava as três línguas praticamente desde que tinha nascido. Havia *jazz* em toda a América? E as raparigas americanas? Alguma delas seria tão bonita como Anna?

«Cotton Tail» acabou. «Roll 'Em» de Benny Goodman começou com um ritmo de *boogie-woogie*, que depois passou a um solo de clarinete. Pino saltou da cama, descalçou os sapatos e começou a dançar, imaginando-se com a bonita Anna a fazer um Lindy Hop tresloucado — sem guerra, sem nazis, apenas música, comida e vinho e amor.

Foi então que percebeu que a música estava muito alta; baixou o som e parou de dançar. Não queria que o pai subisse para mais uma discussão sobre música. Michele desprezava o *jazz*. Na semana anterior, tinha apanhado Pino a ensaiar um *boogie* de Meade Lux Lewis, «Low Down Dog», no piano Steinway da família, e fora como se ele tivesse profanado um santo.

Pino tomou um duche e trocou de roupa. Vários minutos depois de os sinos da catedral baterem as seis da tarde, voltou para a cama e espreitou pela janela aberta. A trovoada já não era mais do que uma memória, e sons familiares ecoavam nas ruas de San Babila. As últimas lojas estavam a fechar. Os ricos e elegantes de Milão apressavam-se a ir para casa. Ele podia ouvir-lhes as vozes animadas, um coro da rua — mulheres a rir com alguma pequena satisfação, crianças a chorar por qualquer tragédia

sem importância, homens a discutir por mais nada senão pelo puro amor dos italianos a uma batalha verbal e a uma indignação simulada.

Pino assustou-se ao ouvir tocar a campainha do apartamento no andar de baixo. Ouviu vozes a trocar saudações. Olhou para o relógio. Eram seis e um quarto. O filme começava às sete e meia, e uma longa caminhada separava-o do cinema e de Anna.

Já tinha uma perna fora da janela e estava à procura de um parapeito que dava acesso a uma escada de incêndio quando ouviu uma gargalhada atrás dele.

— Ela não vai estar lá — disse Mimo.

— Claro que vai — retorquiu ele, já fora da janela.

Eram uns bons nove metros até ao chão e o parapeito não era muito largo. Teve de colar as costas à parede e arrastar-se de lado até outra janela, pela qual saltou para chegar a uma escada nas traseiras. Um minuto depois, estava no chão, na rua e a caminho.

O toldo da entrada do cinema estava sem luz, por causa das novas regras do apagão. Mas o coração de Pino inchou quando viu os nomes de Fred Astaire e Rita Hayworth no cartaz. Ele adorava os musicais de Hollywood, especialmente aqueles com música *swing*. E tinha sonhos com Rita Hayworth que… bem…

Comprou dois bilhetes. À medida que outras pessoas iam entrando, ele examinava a rua e os passeios à procura de Anna. Esperou até sentir aquela certeza absoluta e devastadora de que ela não ia aparecer.

— Eu avisei-te — disse Mimo, parando ao lado dele.

Pino queria sentir-se zangado, mas não era capaz. Lá no fundo, adorava a coragem e o atrevimento do irmão, a sua inteligência e desembaraço. Entregou-lhe um bilhete.

Os rapazes entraram e foram procurar dois lugares.

— Pino? — perguntou Mimo em voz baixa. — Quando é que começaste a crescer? Aos quinze?

Pino fez por não sorrir. O irmão estava sempre preocupado por ser tão baixo.

— Crescer a sério foi só aos dezasseis.

— Mas podia ser mais cedo?

— Podia.

As luzes da sala apagaram-se e começou a passar uma bobina de propaganda fascista. Pino ainda estava deprimido com a tampa de Anna quando *Il Duce* apareceu na tela. Ataviado como um comandante com o seu casaco coberto de medalhas, cinturão, túnica, calças e reluzentes botas de montar pretas até ao joelho, Benito Mussolini caminhava com um dos seus comandantes de campo numa falésia acima do mar da Ligúria.

O narrador disse que o ditador italiano estava a inspecionar fortificações. No ecrã, *Il Duce* avançava com as mãos cruzadas atrás das costas. O queixo do imperador apontava para o horizonte. As costas estavam arqueadas, o peito inchado e voltado para o céu.

— Parece um galo — comentou Pino.

— Chiu! — sussurrou Mimo. — Fala mais baixo.

— Porquê? Sempre que o vemos, parece que só lhe apetece lançar-se num «cocorocó».

O irmão riu-se, enquanto o noticiário prosseguia, agora gabando as defesas de Itália e o crescente estatuto de Mussolini na cena mundial. Era pura propaganda. Pino ouvia a BBC todas as noites. Sabia que o que estava a ver não era verdade, e ficou satisfeito quando o noticiário acabou e o filme começou.

Pino não tardou a deixar-se apanhar pelo enredo divertido do filme, fascinado com todas as cenas em que Hayworth dançava com Astaire.

— Rita — disse ele com um suspiro, depois de, numa série de espirais, o vestido de Hayworth lhe ter envolvido as pernas como uma capa de toureiro. — Ela é tão elegante… igualzinha à Anna.

— Ela deixou-te plantado — lembrou Mimo, com uma careta.

— Mas era tão bonita — sussurrou Pino.

Ouviu-se uma sirene de ataque aéreo. As pessoas começaram a gritar e a saltar dos seus lugares.

O ecrã imobilizou-se num grande plano em que Astaire e Hayworth dançavam com as caras encostadas, os sorrisos de ambos voltados para o público em pânico.

Enquanto o filme se derretia no ecrã, as baterias antiaéreas faziam-se ouvir lá fora; invisíveis, os primeiros bombardeiros aliados aliviavam a sua carga, largando uma barragem de fogo e destruição sobre Milão.

Capítulo 3

Aos gritos, a plateia desatou a fugir e forçou as portas do cinema. Pino e Mimo estavam apavorados, presos na multidão em movimento, quando, com um rugido ensurdecedor, uma bomba explodiu e deitou abaixo a parede traseira do cinema, lançando pedaços de escombros que deixaram o ecrã feito em pedaços. As luzes apagaram-se.

Algo atingiu Pino com força na cara, abrindo-lhe um lanho. Ele sentiu a ferida a pulsar, o sangue a escorrer-lhe pelo queixo. Mais em estado de choque do que em pânico, engasgou-se com o fumo e a poeira, e fez por abrir caminho. Com a sensação de que tinha os olhos e as narinas a arder, ele e Mimo saíram do cinema curvados sobre si mesmos e aos empurrões.

Lá fora, as sirenes faziam-se ouvir e as bombas continuavam a cair, ainda longe. Incêndios consumiam os edifícios de ambos os lados do cinema. As baterias antiaéreas ressoavam. Projéteis traçantes desenhavam arcos vermelhos no céu. As cargas explodiam com tanta intensidade, que Pino podia ver as silhuetas dos bombardeiros Lancaster lá no alto, organizados numa formação em «V», como outros tantos gansos negros em migração noturna.

Mais bombas caíram com um som semelhante ao de vespões furiosos, projetando plumas de chamas no céu. Várias detonaram tão perto dos rapazes Lella em fuga, que ambos sentiram as ondas das explosões que quase os faziam perder o equilíbrio.

— Vamos para onde, Pino? — gritou Mimo.

Demasiado assustado para conseguir pensar, o rapaz demorou um momento até responder:

— Para o Duomo.

Pino conduziu o seu irmão para a única construção em Milão iluminada por algo que não fossem chamas. Ao longe, os holofotes faziam a catedral parecer sobrenatural, quase uma aparição divina. Enquanto corriam, as explosões foram diminuindo e acabaram por parar. Não havia mais bombardeiros. Acabara-se o fogo antiaéreo.

Somente sirenes e pessoas a chorar e a gritar. Um pai desesperado revirava tijolos com uma lanterna na mão. A mulher chorava ali perto, agarrada ao seu filho morto. Outras pessoas a chorar, com lanternas, estavam reunidas em redor de uma menina que tinha perdido um braço e morrera ali mesmo, na rua, de olhos arregalados.

Pino nunca tinha visto pessoas mortas, e começou ele próprio a chorar. «Nada será como antes.» O adolescente sentia isto com a mesma nitidez com que ainda ouvia os vespões a zumbir e as explosões a ecoar nos seus ouvidos. «Nada será como antes.»

Finalmente, estavam ao lado do Duomo. Não havia nenhuma cratera de bomba perto da catedral. Nenhuns escombros. Nenhum incêndio. Era como se o ataque nunca tivesse acontecido, não fossem os gritos que se ouviam ao longe.

— O plano do cardeal Schuster resultou — disse Pino, com um sorriso débil.

Mimo franziu o cenho e disse:

— A nossa casa fica perto da catedral, mas não o suficiente.

Os rapazes atravessaram um labirinto de ruas escuras que os levaram de regresso ao n.º 3 da Via Monte Napoleone. A loja e o apartamento por cima aparentavam estar intactos, o que lhes pareceu um milagre depois do que tinham acabado de passar.

Mimo abriu a porta da rua e começou a subir as escadas. Pino foi atrás dele, ouvindo suspiros de violinos, um piano e um tenor a cantar. Por algum motivo, a música deixou-o furioso. Empurrou o irmão para o lado e começou a bater à porta do apartamento.

A música parou. Porzia abriu a porta.

— A cidade está a arder e vocês estão a ouvir música? — gritou Pino à mãe, que deu um passo atrás, assustada. — Há gente a morrer e vocês estão a ouvir música?

Várias pessoas apareceram no corredor atrás da mãe dele, incluindo a tia, o tio e o pai.

— É com música se que sobrevive a tempos como estes, Pino — disse Michele.

Pino viu outros no interior do apartamento a assentir com a cabeça. Entre eles estava a violinista que Mimo quase atirara ao chão algumas horas mais cedo.

— Estás ferido, Pino — disse Porzia. — Estás a sangrar.

— Há quem esteja bem pior — disse ele, com as lágrimas a acumularem-se-lhe nos olhos. — Desculpe, mamã. Foi… horrível.

Porzia comoveu-se; abriu os braços e agarrou-se aos seus filhos feridos e encardidos.

— Pronto, já passou — disse ela, beijando-os à vez. — Não quero saber onde estavam nem como lá foram parar. Ainda bem que estão de volta.

Disse aos filhos que subissem e se limpassem antes que um médico, um dos convidados na festa, pudesse observar a ferida de Pino. Enquanto ela falava com eles, Pino viu algo que nunca tinha visto na sua mãe. Era medo — medo por saber que eles talvez não tivessem tanta sorte da próxima vez que os bombardeiros aparecessem.

O medo ainda lhe estava estampado no rosto quando o médico coseu o corte na bochecha do rapaz. Quando ele terminou, Porzia lançou um olhar sério ao filho mais velho.

— Havemos de falar sobre tudo isto amanhã — disse ela.

Pino baixou os olhos e assentiu.

— Sim, mamã.

— Vai comer qualquer coisa. Se estiveres melhor da barriga, claro.

Ele olhou para cima e viu a expressão com que ela o estava a observar. Seria melhor manter-se fiel à história que lhe contara à tarde e dizer que ia para a cama sem comer. Mas estava faminto.

— Já me sinto um pouco melhor — disse.

— Quer-me antes parecer que te sentes pior — retorquiu Porzia, antes de sair da sala.

Taciturno, Pino seguiu-a até à sala de jantar. Mimo já estava de prato cheio e descrevia uma versão bem animada da aventura de ambos a vários amigos dos pais.

«Parece-me que foi uma noite daquelas», disse alguém atrás dele.

Pino virou-se e deu de caras com um homem bem-parecido e impecavelmente vestido, com pouco mais de vinte anos. Uma mulher muito bonita não lhe largava o braço. Pino desfez-se num sorriso.

— Tullio! — exclamou. — Tinha ouvido dizer que estavas de volta!

— Pino, esta é a minha amiga Cristina — disse o outro.

Pino baixou a cabeça educadamente na direção dela. Cristina parecia entediada; pediu licença e saiu da sala.

— Quando é que a conheceste? — quis saber Pino.

— Ontem — foi a resposta de Tullio. — No comboio. Ela quer ser modelo.

Pino abanou a cabeça. Era sempre o mesmo com Tullio Galimberti. Bem-sucedido na venda de vestidos, parecia um mágico quando se tratava de mulheres bonitas.

— Como é que tu consegues? — quis saber Pino. — Tanta rapariga bonita…

— Não sabes? — perguntou Tullio, por sua vez, enquanto se servia de um pouco de queijo.

Pino teria gostado de se gabar, mas lembrou-se de que Anna o tinha deixado pendurado. Aceitara o convite apenas para se livrar dele.

— A resposta é evidente. Não; não sei.

— Ensinar-te era coisa para levar anos — disse Tullio, com um esforço para não sorrir.

— Vá lá. Tem de haver algum truque que eu…

— Não há truque nenhum — afirmou Tullio, agora sério. — A primeira coisa? Ouvir.

— Ouvir?

— A rapariga — explicou Tullio, exasperado. — A maioria não as ouve. Começam a falar sobre eles. As mulheres precisam de que as compreendam. Portanto, ouves o que elas te dizem e elogias-lhes o aspeto, a maneira como cantam, seja lá o que for. Só com isto, escutar e elogiar, ficas à frente de oitenta por cento de todos os tipos deste mundo.

— E se elas não forem faladoras?

— Então, tens de ser engraçado. Ou lisonjeiro. Ou ambos.

Pino pensava que tinha sido engraçado e lisonjeiro com Anna, mas talvez não o suficiente. De súbito, lembrou-se de outra coisa:

— Então, aonde é que o coronel Rauff foi hoje?

Os modos ligeiros e afáveis de Tullio evaporaram-se. Agarrou-lhe no braço com força e silvou:

— Não falamos de gente como o Rauff em lugares como este. Entendido?

Pino sentiu-se incomodado e humilhado com a reação do amigo, mas, antes que pudesse responder, a amiga de Tullio reapareceu. Colada a ele, sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

Tullio riu-se, largou o braço de Pino e disse:

— Claro que sim, minha querida. Podemos fazer isso. — Voltou a olhar para ele e disse-lhe: — No teu lugar, eu esperava que essa cara deixasse de se parecer com uma salsicha espremida antes de pensar em ser engraçado e dar atenção ao que as raparigas me dizem.

Pino inclinou a cabeça, sorriu pouco convencido e depois cerrou os dentes, quando os pontos lhe repuxaram a bochecha. Ficou a vê-los sair, mais uma vez a pensar no quanto lhe agradaria ser como Tullio. Tudo nele era perfeito, elegante. Bom tipo. Bem vestido. Melhor amigo. Riso genuíno. Porém, era suficientemente misterioso para andar a seguir um coronel da Gestapo.

Mastigar era doloroso, mas ele estava com tanta fome, que encheu um segundo prato. Enquanto o fazia, ouviu três dos amigos músicos dos seus pais à conversa, dois homens e a violinista.

— Há cada vez mais nazis em Milão — disse o mais corpulento, que tocava trompa no La Scala.

— Pior do que isso — comentou o percussionista. — A Waffen-SS.

— O meu marido diz que há rumores de planos para *pogroms* — acrescentou a violinista. — O rabi Zolli está a dizer aos nossos amigos em Roma que fujam. Estamos a pensar em ir para Portugal.

— Quando? — perguntou o percussionista.

— Quanto mais cedo, melhor.

— Pino, está na hora de ires dormir — disse Porzia, bruscamente.

Pino levou o prato com ele para o quarto. Sentado na cama enquanto comia, pensou no que acabara de ouvir. Sabia que os três músicos eram judeus, e sabia também que Hitler e os nazis odiavam os judeus, embora realmente não entendesse porquê. Os seus pais tinham muitos amigos judeus, principalmente músicos ou gente no ramo da moda. De um modo geral, Pino achava que os judeus eram inteligentes, engraçados e bondosos. Mas o que era um *pogrom*? E porque havia um rabi de dizer a todos os judeus em Roma que fugissem?

Acabou de comer, examinou novamente o penso e depois meteu-se na cama. Com a luz apagada, afastou as cortinas e olhou para a escuridão. Ali, em San Babila, não havia incêndios, nada que desse a entender a devastação que ele tinha testemunhado. Tentou não pensar

em Anna, mas, quando pousou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos, pedaços do encontro de ambos rodopiavam-lhe nos pensamentos, juntamente com a imagem imobilizada de Fred Astaire e Rita Hayworth. E a explosão da parede traseira do cinema. E a menina morta sem um braço.

Ele não conseguia adormecer. Não conseguia esquecer nada daquilo. Acabou por ligar o rádio, andou às voltas com o botão e encontrou uma estação em que se ouvia uma peça para violino que ele reconheceu porque o pai estava sempre a tentar tocá-la: o «Capriccio n.º 24 de Niccolo Paganini em Lá Menor».

Ficou ali deitado no escuro, a ouvir o ritmo frenético do violino, e sentiu aquelas violentas mudanças de humor como se fossem suas. Quando a música terminou, ele sentia-se exausto, incapaz de pensar. Finalmente, adormeceu.



Por volta da uma hora da tarde seguinte, Pino foi à procura de Carletto. Andou nos elétricos, passando por alguns bairros em ruínas ainda fumegantes e por outros intactos. A aleatoriedade do que ficara destruído e do que tinha sobrevivido incomodava-o quase tanto como a própria destruição.

Apeou-se no Piazzale Loreto, uma grande rotunda com um jardim no centro e lojas prósperas em toda a sua volta. Olhou para o outro lado da rotunda, para a Via Andrea Costa, como se fosse capaz de visualizar os elefantes de guerra. Aníbal tinha atravessado os Alpes com elefantes couraçados e descera aquela mesma artéria a caminho da conquista de Roma, vinte e um séculos antes. O pai de Pino dizia que, desde então, todos os exércitos conquistadores haviam entrado em Milão por ali.

Passou por uma bomba de gasolina Esso com uma estrutura de vigas de ferro que se elevava três metros acima das bombas e dos depósitos. Diagonalmente oposto à bomba de gasolina, viu o toldo verde e branco das Frutas e Legumes Frescos de Beltramini.

A loja encontrava-se aberta, sem danos aparentes.

O pai de Carletto estava cá fora, a pesar fruta. Pino sorriu e estugou o passo.

— Não se preocupe. Nós temos hortas à prova de bombas junto ao rio Pó — dizia o Sr. Beltramini a uma mulher mais velha quando Pino

se aproximou. — E, por causa disso, a Beltramini há de ter sempre os melhores produtos de Milão.

— Não acredito, mas adoro que me faça rir — comentou ela.

— Amor e riso — disse o Sr. Beltramini. — São sempre o melhor remédio, mesmo num dia como o de hoje.

A mulher ainda estava a sorrir quando se foi embora. Homem baixo e anafado, o pai de Carletto reparou em Pino e ficou ainda mais satisfeito.

— Pino Lella! Onde é que andaste? E a tua mãe, onde está?

— Em casa — respondeu o rapaz, apertando-lhe a mão.

— Abençoada. — O Sr. Beltramini olhou-o de alto a baixo. — Não vais crescer mais ainda, pois não?

Pino sorriu e encolheu os ombros.

— Não sei.

— Se cresceres, começas a chocar com os galhos das árvores. — Apontou para o penso na cara de Pino. — Oh, estou a ver que já aconteceu.

— Levei com uma bomba.

A constante boa disposição do Sr. Beltramini evaporou-se.

— Não. Estás a falar a sério?! Pino contou-lhe toda a história, desde o momento em que saíra pela janela, até voltar a casa e dar com todos a tocar música e a divertirem-se.

— Acho que foram inteligentes — disse o Sr. Beltramini. — Se uma bomba vem à tua procura, pois, vem à tua procura. Não podes andar por aí preocupado com isso. Só tens de continuar a fazer aquilo de que gostas e continuar a gozar a vida. Não é assim?

— Suponho que sim. O Carletto está?

O Sr. Beltramini apontou por cima do ombro.

— A trabalhar lá dentro.

Pino encaminhou-se para a porta da loja.

— Pino — chamou o vendedor.

Ele olhou para trás e viu a expressão preocupada do Sr. Beltramini.

— Sim?

— Tu e o Carletto, vocês olham um pelo outro, certo? Como irmãos, certo?

— Sempre, Sr. B.

O vendedor de fruta pareceu ficar mais animado.

— És um bom rapaz. Um bom amigo.

Pino entrou na loja e deu com Carletto a carregar sacas de tâmaras.

— Já foste à rua? — perguntou-lhe Pino. — Viste o que aconteceu?

Carletto abanou a cabeça.

— Estive a trabalhar. Sabes o que é, não sabes?

— Ouvi falar disso, e vim ver como era.

Carletto não achou graça. Carregou mais uma saca de frutos secos ao ombro e começou a descer uma escada de madeira que desaparecia num buraco no chão.

— Ela não apareceu — disse Pino. — A Anna.

Carletto olhou para ele.

— Saíste ontem à noite?

Pino sorriu.

— Quase ia pelos ares quando as bombas atingiram o cinema.

— Estás a inventar.

— Não estou, não — assegurou Pino. — Onde é que pensas que arranjei isto?

Tirou o penso e Carletto revirou os beiços, enojado.

— Isso está feio.

Com permissão do Sr. Beltramini, foram ver o cinema à luz do dia. De caminho, Pino contou novamente a história, observando a reação do amigo e achando graça, a rodopiar enquanto descrevia Fred e Rita, e imitando os estoiros ao explicar como ele e Mimo tinham atravessado a cidade a correr.

Estava a sentir-se muito satisfeito, até que chegaram ao cinema. O fumo ainda se elevava das ruínas, e com ele um cheiro forte e desagradável, que Pino haveria depois de identificar instantaneamente como o de explosivos detonados. Algumas pessoas nas ruas em redor pareciam vaguear sem rumo. Outras ainda escavavam entre os tijolos e as vigas, na esperança de encontrar algum ente querido ainda com vida.

Abalado com a destruição, Carletto disse:

— Eu nunca teria sido capaz de fazer nada do que vocês os dois fizeram.

— Claro que eras capaz. Quando o medo aperta, fazes e pronto.

— Com bombas a cair-me em cima? Atirava-me para o chão e enrolava-me agarrado à cabeça.

Ficaram em silêncio enquanto contemplavam a parede traseira do teatro, carbonizada e destruída. Fred e Rita estavam ali mesmo, com nove metros de altura, e então…

— Acha que os aviões voltam esta noite? — perguntou Carletto.

— Só havemos de saber quando ouvirmos os vespões.